

1 INTRODUÇÃO

A concepção da mulher com um ser naturalmente vulnerável, frágil e inferior ao homem em diversos aspectos tem fomentado a justificativa histórica para conferir ao sexo feminino um tratamento desigual, discriminatório e inferiorizado.

Com o passar do tempo, a figura da mulher enquanto ser social evoluiu de elemento secundário para um componente extremamente importante na sociedade atual, onde ela exerce cada vez mais o papel de protagonista dentro de várias relações. Ocorre que essa evolução de compreensão ainda não atingiu níveis que permitam quebrar totalmente as heranças de um sistema social historicamente fundado em paradigmas patriarcais.

Graças às lutas promovidas pelos movimentos feministas e de mulheres, elas vêm conseguindo aumentar o seu espaço nas estruturas sociais, como é o caso do mercado de trabalho, em geral, no qual percebe-se a presença mais efetiva de mulheres, numericamente, contudo, ainda persiste uma desigualdade sexual no que se refere aos aspectos qualitativos, como salários e acesso a cargos de direção¹.

Com a consolidação e popularização da *internet* no século XXI, e em particular com o advento das redes sociais, ocorreu uma alteração significativa na maneira de expor opiniões. O alto fluxo informacional que está ao alcance de nossas mãos, por meio de aparelhos eletrônicos, possibilitou uma maior facilidade e rapidez em receber e divulgar uma informação, fazendo com que o mundo se transformasse.

Tal desenvolvimento tecnológico acaba por atingir todas as esferas da vida humana, tanto privada quanto em sociedade, modificando a maneira pela qual as pessoas se relacionam e, mais profundamente, o modo como compreendem o mundo.

O Feminismo, enquanto movimento social, político e filosófico, também foi afetado por esse fortalecimento tecnológico, evoluindo, tornando-se mais acessível ao grande público, o que, ao menos em parte, deve às redes sociais. Pautado nesta compreensão, o presente estudo inquire como esse espaço informacional acabou por se tornar um novo e propício local de fala da mulher, garantindo a ela poder em seu discurso.

¹ Para um panorama geral, sugerimos consultar: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>.

Dentro de uma visão foucaultiana, busca-se analisar a ordem do discurso do Feminismo, enquanto teoria, e perquirir de que modo os debates feministas veiculados nas redes sociais produzem um amplo efeito e alcançam uma maior gama populacional.

Partimos da hipótese de que, ante a magnitude e o impacto que as redes sociais causam no desenvolvimento e na formação do pensamento moderno, a publicação de debates de teor feminista pode ser vislumbrada sob um prisma educativo, ou, ao menos, criar um espaço mais amigável para que a voz da mulher seja ouvida, respeitada e valorizada.

O presente trabalho abordará uma visão da mulher dentro do mundo globalizado, informacional, altamente tecnológico e interconectado. Trata-se de pesquisa bibliográfica, cujos principais referenciais teóricos são Michel Foucault, com sua construção sobre poder e ordem do discurso, e Rosa Ricoy, sobre as teorias feministas do Direito. Será utilizado o método hipotético-dedutivo, a partir do qual testaremos a hipótese de que, por meio do discurso feminista, a voz da mulher foi ampliada nas redes sociais, constituindo, este, um novo e propício local de fala.

O artigo está dividido em quatro seções, a contar desta introdução. A segunda voltada a abordar o papel e a compreensão da mulher enquanto ser social no contexto da sociedade globalizada; a terceira a abordar a temática das redes sociais enquanto local de fala, testando a hipótese inicial e respondendo efetivamente ao problema de pesquisa; e a quarta para as considerações finais sobre o tema.

2 A MULHER GLOBALIZADA

Podemos afirmar que a globalização é um fenômeno multifatorial, composto por eventos de cunho político, econômico, tecnológico e cultural, desencadeando a ruptura de barreiras territoriais. Tal fenômeno consegue difundir o conhecimento e a informação em nível global, por meio de avanços e desenvolvimentos de comunicação, e trazendo consequências positivas e negativas.

O progresso e os benefícios que a globalização ocasiona na sociedade atual são inúmeros. A transposição de fronteiras territoriais, a expansão da cultura, a difusão de formação acadêmica e tecnológica são inquestionavelmente, benefícios dela advindos. Este mesmo fenômeno trouxe, também, um novo espaço público para debates de temas de relevância social, tornando o mundo um grande balcão de discussão, pois questões levantadas

em uma parte do globo podem atingir uma sociedade do outro lado do mundo. Mas, afinal, o que é globalização?

Giddens (2007) nos apresenta a globalização como um fenômeno político, econômico, tecnológico e cultural, difundido pelo avanço e desenvolvimento das comunicações, que transmitem, em tempo real, as mesmas informações a todos os locais do mundo. Já para Santos (2001), a globalização é o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista, que pode ser entendida a partir da unicidade de técnicas, da convergência dos momentos, da cognoscibilidade do planeta e da existência do capitalismo com uma mais-valia de forma globalizada, um motor único.

Esse fenômeno alcança as relações sociais e econômicas, transforma métodos de produção, promove a integração dos mercados, a internacionalização de empresas e fomenta uma sociedade estruturada em bases tecnológicas de informação e comunicação, onde as engrenagens são os seres humanos — homem, mulher, criança, idosos —, independentemente de sexo, idade ou nacionalidade, que movimentam a máquina do capitalismo.

Todo esse fenômeno de globalização proporcionou uma nova visão sobre a participação das mulheres na sociedade. Hoje é necessário abordá-lo sob o enfoque de seus variados impactos sobre o mundo, e sobre as consequências culturais e estruturais trazidas pela mulher globalizada (Cagatay, 2001; Hayzer & Wee, 1994).

Os processos de reorganização do capitalismo em direção à economia globalizada trazem impactos ambíguos e mesmo contraditórios para as mulheres:

Enquanto algumas autoras ressaltam as conquistas e avanços em termos de reconhecimento de direitos e melhoria da qualidade de vida, outros estudos mostram a persistência das desigualdades, da pobreza e da opressão. Entre os fenômenos que caracterizam a globalização, um dos mais marcantes tem sido a feminização da força de trabalho, que modificou a distribuição e alocação do trabalho entre homens e mulheres na maioria dos países (Cagatay, 2001; Hayzer & Wee, 1994).

Falar de mulher globalizada é indissociável de falar da sua participação no mercado de trabalho. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho foi ampliada sua autonomia e poder de negociação permitindo, assim, a renegociação das próprias relações de gênero.

Também não se pode negar que, em todo o mundo, houve importante expansão da educação sexual, para homens, mulheres e crianças, nas últimas décadas. A sociedade evoluiu e falar de relação de gênero, feminismos e empoderamento feminino tornou-se pauta no dia-a-dia da maioria das sociedades ocidentais. Mas como foi ampliado esse campo de fala à mulher

e sobre a mulher? Existiu alguma evolução histórica que contribuiu para esse fenômeno ser expandido?

Além disso, as mulheres conquistaram maior visibilidade na vida pública, a partir de sua ativa participação e mobilização em várias esferas da vida social e política, transformando a própria representação dos papéis femininos no imaginário social.

Dados como esses levaram Giddens e Hutton (2000) a afirmarem, em uma das primeiras coletâneas a abordar o fenômeno da globalização, que a emancipação das mulheres seria “traço característico dos processos de globalização”. Mas, como ressalva Benería (2009, p.15), “a maioria das mulheres permanece na base da pirâmide social, sobrecarregadas por responsabilidades domésticas e profissionais, e imersas em lutas”.

Já Young (1988, p. 3) sugere, a partir da literatura sobre os impactos da modernização, que a posição social das mulheres, qualquer que seja sua classe, teria piorado como resultado da integração dos países desenvolvidos ao mercado, “independentemente do fato de que as condições das mulheres terem melhorado ou não”.

Nessas críticas, há crescente constatação de que a desigualdade de gênero permanece como elemento constitutivo dos processos globais de exclusão. Não é fácil avaliar os efeitos das mudanças acompanhadas pela globalização sobre as mulheres porque em geral estes são contraditórios e cheios de tensões. Muitas autoras feministas, como Cagatay (2001) e Hayzer & Wee (1994) ressaltam que, embora a globalização econômica tenha sido acompanhada por maior incorporação das mulheres ao mercado de trabalho, este fenômeno tem se dado em condições de estigma e discriminação.

Se por um lado a globalização promoveu uma reconfiguração na estrutura de dominação masculina, por outro lado não a eliminou por completo. Na verdade, muitas das autoras que abordam a relação entre gênero e globalização — como Cagatay (2001), Hayzer & Wee (1994) e Sassen (1988) — argumentam que apenas se começou a falar dos impactos do fenômeno, sendo longo o caminho a ser percorrido.

O mundo está em constante evolução. A globalização traz características peculiares que afrontam o conceito de submissão feminina. A ideia da figura da mulher como sexo frágil é ultrapassada e não mais se sustenta, visto que, na atualidade, ela assume tarefas que antes eram designadas exclusivamente aos homens.

Há de se perceber que a mulher vem ganhando destaque no desempenho das atividades profissionais e o tabu de que apenas homens possuíam capacidade para serem líderes vem sendo quebrado a cada dia que passa. A globalização influencia o pensamento

humano na medida em que possibilita a quebra de paradigmas mediante a ampla circulação de informação, fazendo com que atitudes outrora naturalizadas passem, ao menos, a serem questionadas, como ocorre com a noção de submissão feminina.

Por isso, é muito importante que as conquistas femininas se mantenham em evolução. A mulher é parte do mundo e deve influenciar as tendências, desenvolvimento e caminhos da sociedade, demonstrando o seu ponto de vista e defendendo os seus ideais.

2.1 Breve introdução aos feminismos

A diferença entre homens e mulheres é uma característica natural, advinda da própria biologia dos sexos, todavia, a desigualdade entre eles, não, pois é fruto de construção sociais que foram se naturalizando e fomentando com o passar do tempo, na maioria das sociedades modernas ocidentais. Essa desigualdade produz opressão, na medida em que mulheres são inferiorizadas, violadas e discriminadas somente por serem mulheres, ocupando um lugar pré-determinado (pelos homens, que historicamente detiveram o poder) na sociedade.

Atentas a essa desigualdade opressora e dispostas a galgar melhores condições de vida, as mulheres se organizaram em grupos que, posteriormente, deram origem ao chamado movimento feminista, que pode, sucintamente, ser compreendido como:

[...] toda teoria, pensamento y práctica social, política y jurídica que tiene or objetivo hacer evidente y terminar com la situación de opresión que suportan las mujeres y lograr así una sociedade más justa que reconozca y garantisse la igualdad plena y efectiva de todos los seres humanos. En otras palabras, es um movimiento heterogéneo, integrado por uma pluralidad de planteamientos, enfoques y propuestas, pero con la coincidência de pretender la igualdad entre los sexos. (RICOY, 2015, p. 462-643).

Feminismo é um movimento social, filosófico e político criado a partir de lutas, conquistas e transição de pensamentos da sociedade e na sociedade. Com objetivos que se alteram no decorrer do tempo, tendo sempre com base na luta aos direitos iguais, independente do gênero.

Esses objetivos distintos coincidem com a principal divisão teórica do Feminismo, que o faz em três ondas ou fases. Na primeira delas, o movimento, em geral, buscava igualdade, demonstrando que as mulheres e os homens eram igualmente capazes em termos de trabalho e educação, e por isso eles deveriam ter os mesmos direitos e obrigações. Na

segunda, o discurso de mudança era pautado na constatação da existência de um sistema cultural de opressão (patriarcado) que impedia o alcance da igualdade feminina na prática e que deveria ser combatido. A terceira fase, por seu turno, deu ênfase às diferenças entre as próprias mulheres, compreendendo que não se pode homogeneizá-las na busca avanços, pois suas demandas são distintas, dependendo dos marcadores que as cercam, como raça, classe e sexualidade. (BARNETT, 1998).

O século XIX foi o berço da história do movimento feminista. Sua grande marca foi a presença das *suffragettes* ou sufragistas: mulheres que lutavam pelo direito de sufrágio, ou seja, direito de votar. Esse foi o marco da primeira onda feminista, a qual atingiu especialmente os Estados Unidos e alguns países da Europa.

Nos Estados Unidos, mulheres participaram ativamente na abolição da escravatura. Elas defendiam a igualdade, independente de raça ou gênero. As sufragistas lutaram pelo direito ao voto até a promulgação da 19ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos, aprovada em 1919².

Por sua vez as sufragistas da Europa, em especial do Reino Unido tiveram o direito de sufrágio feminino concedido em 1918, com a condicionante de apenas para mulheres acima de trinta anos de alta casta social. Apenas dez anos depois, em 1928, o direito foi estendido para todas as mulheres acima de vinte e um anos.

Além da luta pelo direito de participação política, outros assuntos eram levantados pelas feministas da primeira onda, como a participar em carreira militar, casamentos e o poder que o homem tinha sobre a mulher na relação.

A segunda onda feminista ocorreu 1960 até 1980. Nessa época o enfoque passou a ser o meio em que as pessoas viviam, propondo o slogan “O pessoal é político” e lutando, principalmente, pelos equidade de direitos e o fim da discriminação da mulher.

O papel da mulher na casa, na família, sua individualidade e gostos começaram a ser levantados. Uma vez que a mulher é muito mais do que mãe e esposa, não quer mais apenas cuidar dos filhos e da casa. Queriam, sim, trabalhar. A expressão “Women's Liberation” ou

² O direito de voto dos cidadãos dos Estados Unidos não será negado ou cercado em nenhum Estado em razão do sexo. O Congresso terá competência para, mediante legislação adequada, executar este artigo. Emendas à Constituição dos Estados Unidos [Internet]. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Emendas_adicionais_%C3%A0_Constitui%C3%A7%C3%A3o_dos_Estados_Unidos. Acesso em: 15/08/18.

“Liberação das Mulheres” foi muito falada nessa época nos Estados Unidos, uma vez que desencadeou o protesto da “queima de sutiãs”³.

A terceira onda foi iniciada na década de 1990 e permanecendo até os dias atuais. É o momento no qual o feminismo vai além daquela visão de “mulher branca de classe média” e se espalha por todas as classes e raças, ajudando, também, na luta de outros grupos que sofriam com o modo que a sociedade é, como negros, homossexuais. É fortemente marcada por uma concepção pós-estruturalista, refletindo claramente abordagens micropolíticas preocupadas em responder o que é e o que não é bom para cada mulher.

Proporciona um olhar crítico das feministas sobre o próprio movimento que integravam permitindo o florescimento de novas ideias, compondo um feminismo da diferença, que argumenta haver sim diferenças significativas entre os sexos. Diferentemente de uma ideia global e massificadora que dizia ser uma construção social todo tipo de desigualdade entre homens e mulheres.

O movimento feminista é amplo, genérico e complexo, por isso, atualmente, compreende-se que é melhor falar dele no plural: feminismos. Abarca diferentes ideias, posições e grupos de pensamento, especialmente em temas polêmicos como aborto, pornografia e liberdade sexual. Entretanto, apesar da complexidade e diferenças, o ponto de encontro de todos os subgrupos de feministas é a discussão da mulher na sociedade, seja seu papel, seus desejos ou o tratamento que recebe.

2.2 O desenvolvimento das redes sociais e a ampliação da voz da mulher

O século XX pode ser considerado um marco para a mudança social, Canclini (2010) considerava que até esse período a informação era um privilégio, onde a circulação era feita mediante panfletos e livros, com uma população pouco letrada e com difícil acesso.

Com o final dos anos 90, veio à internet. Sendo um marco para o início de uma nova era, onde as distâncias são encurtadas, as barreiras territoriais rompidas, a cultura local dá lugar a uma cultura global. Gostos e peculiaridades de determinada região do planeta passam a sofrer influência de países e povos totalmente distantes, em quilômetros e em mentalidade. Com mais troca informacional, a comunicação mundial passa por grandes transformações.

³ CAVALCANTE, Edi. **A queima dos sutiãs – a fogueira que não aconteceu.** [Internet]. Disponível em: <https://anos60.wordpress.com/2008/04/07/a-queima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu/>. Acesso em: 10/08/18.

Em princípio a internet era uma tecnologia utilizada apenas por empresas e de forma bem contida. Um endereço digital era como um outdoor, onde expunham seus produtos, de maneira estática e aguardavam um acesso. O alcance era pequeno, uma vez que apenas países bem desenvolvidos encontravam um mercado com entrada maior a esse espaço virtual. De forma exata, Teixeira define Internet como:

[...] a internet é a interligação de redes de computadores espalhadas pelo mundo, que passam a funcionar como uma só rede, possibilitando a transmissão de dados, sons e imagens de forma rápida. Essa interligação de redes pode ser feita por sistema telefônico de cabos de cobre ou de fibras óticas, por transmissão via ondas de rádio ou via satélite, por sistema de televisão a cabo etc. (TEIXEIRA, 2015, p. 25).

A internet foi se desenvolvendo e ao passo que mais pessoas começaram a ter acesso a ela, sua exploração em âmbito mundial também se aconteceu. Um excelente meio de negócios, que minimizava custos e maximizava resultados. Como bem coloca Brandão:

[...] pode-se comprar, vender, oferecer toda espécie de serviço, trocar correspondências, informações e ideias. Tudo isso em tempo real e de forma mais barata e rápida do que jamais seria imaginável, já que os custos de manutenção de sites, páginas e “correios” são muito inferiores aos de uma empresa do mundo físico, não virtual. Sem custos exorbitantes é possível oferecer produtos e serviços a preços inferiores àqueles que a concorrência tradicional pode praticar. (BRANDÃO; VASCONCELOS, 2013, p. 133).

São diversas e inúmeras as funções da internet. É um meio de pesquisa, acesso a informação, publicidade. Uma ferramenta de integração cultural, social e difusão opiniões. Após a sua popularização em meados dos anos 2000, um desdobramento surgiu e com ele, vários impactos e mudanças importantes, ou seja, a eclosão das redes sociais, o que Canclini (2010) chama de boom tecnológico gerando um alcance de massa.

A interação social por meio da web abra as portas para um novo mundo. É possível observarmos como as redes sociais alcançaram um cidadão, homem, mulher, branco, negro, de qualquer idade ou orientação sexual, influenciando-o, bem como o abrindo espaço para este participar de movimentos sociais e políticos, que são organizados através de eventos, textos e imagens, e mobilizam milhares de pessoas dentro do espaço digital.

Foi a partir dos anos 2000 que surgiram as primeiras redes sociais, como o Fotolog (postagem de fotos), e o Friendster (possibilidades de relações de amizades no mundo virtual).

Logo após, em 2003, surgiu o LinkedIn (contatos profissionais) e o Myspace (contatos de amizades)⁴.

Entretanto a popularização das redes sociais ocorreu em 2004, com o Flickr, Orkut e Facebook. Em 2005, foi o Youtube, seguido em 2006 pelo Twitter. Em 2010, surgiu o Instagram, com o objetivo de edição de fotos e compartilhamento com outras pessoas. O ano de 2011, foi a vez do Google.

Após uma queda do Orkut e a migração para o Facebook, surgiu o Snapchat, aplicativo de foto mensagem, onde os usuários podem tirar fotos, gravar vídeos, adicionar textos e desenhos na imagem. São diversos e inúmeros os meios de comunicação pessoal atualmente, citamos apenas alguns.

As mídias sociais são o palco por excelência de movimentos como o das mulheres. Causas com muitas bandeiras sociais têm um poder avassalador de mobilizar multidões. A web é o universo global dos incluídos digitais, dos que têm voz e dos que são escutados. E o grito deles agora é nas redes, local que se tornou a nova ágora do século XXI.

Um bom exemplo do poder da globalização e das redes sociais para o movimento feminista e de como a integração por meio desse espaço impacta milhares de habitantes do planeta, de todos os sexos, foi a parada internacional das mulheres, a #8M que invadiu o Twitter e o Facebook, teve a adesão de mulheres de 57 países⁵. A paralisação feminista foi em protesto contra toda a forma de opressão, contra o machismo, a violência doméstica, o feminicídio e todos os arcaísmos nos costumes que ainda são uma triste realidade em muitos países. A greve das mulheres foi um ato de coragem, especialmente em sociedades campeãs de desigualdade, como a brasileira.

No Brasil, o movimento contou com a adesão de mais de 80 cidades e 24 capitais, onde as marchas foram vistas nas ruas e nas redes sociais. Assim, conseguimos observar que o universo digital da internet serve de caixa de ressonância para esses protestos, com poder de aglutinar apoios em questão de segundos.

3 AS REDES SOCIAIS COMO UM NOVO LOCAL DE FALA À MULHER

⁴ESTULANO, Máira Regis. Redes sociais: do surgimento à evolução, 2017. [Internet]. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/redes-sociais-do-surgimento-%C3%A0-evolu%C3%A7%C3%A3o-ma%C3%ADra-regis-estulano>. Acesso em: 06/07/2018.

⁵ OLIVEIRA, Tony. No 8 de março mulheres preparam greve global, 2017. [Internet]. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-8-de-marco-mulheres-preparam-greve-global>. Acesso em: 07/08/18.

No atual mundo globalizado e digital, com grande fluxo informacional de conexão planetária, o discurso, a fala, a exposição de opinião, é uma forma de poder. Ademais o local onde é pronunciado esse discurso aumenta a magnitude e alcance das palavras.

Entendemos como local de fala, o lugar físico ou virtual em que é possível manifestar opiniões. Indissociável ao local fala, é o conceito de discurso, compreendido como um encadeamento de enunciados, de conversação, de colóquio situado no tempo e no espaço virtual, possuindo um responsável, que é o seu locutor.

Ribeiro (2018, p. 90) entende local de fala para a mulher da seguinte maneira: “Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia.”

Já para Rodrigues (1996, p. 32) o conceito de lugar de fala é: “o lugar que o locutor ocupa numa cena, sob o fundo da qual locutor e a locutório estabelece uma espécie de contrato implícito de troca simbólica de enunciados”.

O presente artigo busca estabelecer como um novo local de fala as redes sociais, nela é posto sobre um contrato implícito de troca de opiniões com os destinatários/seguidores. É a posição conquistada ou espontaneamente aceita de proferir determinado discurso feminista, encontrar apoio e ampliar a voz e a causa.

3.1 A ordem do discurso como forma de empoderamento feminino

Michel Foucault nos mostrou, através de sua vasta obra, os efeitos dos modos de dominação na produção da subjetividade humana. Considerado um dos filósofos de maior influência no pensamento moderno, apesar da crítica das feministas à omissão dos aspectos de gênero em suas análises, Diamond & Quinby (1988) conseguiram sintetizar algumas convergências entre o pensamento feminista e a obra de Foucault: 1) como ambos identificam o corpo como o local de poder, como o *locus* de dominação através do qual a docilidade é executada e a subjetividade constituída; 2) ambos enfatizam o papel crucial do discurso e sua capacidade de produzir e sustentar as formas de dominação e salientam os desafios e as possibilidades de resistência dos discursos marginalizados.

Estas convergências incluem algumas das formas mais poderosas de resistência das quais as feministas têm-se valido em suas produções teóricas e políticas nas últimas décadas (Diamond & Quinby, 1998), tais como as práticas de empoderamento dos grupos de mulheres

e a proposição de políticas feministas afirmativas, para a redução das desigualdades sofridas pelas mulheres.

Foucault (1996) vê o discurso como algo material, aquilo que pode ser construído e que traz em si perigos e poderes:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8).

O autor acrescenta que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual se luta. E enfatiza que “o discurso nada mais é do que a verberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (ibid, p. 10-49).

Portanto o contrato implícito instituído entre uma mulher feminista proprietária da conta em rede social com seus seguidores confere uma relação discursiva, isto é, de falante autorizada a pronunciar aquilo que deseja e do modo que melhor julgar, e o estatuto de ouvinte ou leitor do discurso, ao seguidor da rede social.

Primeiramente é importante analisarmos o sujeito do discurso, este como fruto das relações interpessoais, culturais e sociais. O sujeito é construção cultural não autônoma, sendo sua identidade moldada por dispositivos de manutenção do poder.

O empoderamento feminista precisa ir além da formação patriarcal do sujeito. Aquele que tem voz para dizer o pensar, o agir da sociedade não é mais único e exclusivamente ele, ele como homem branco, classe média alta e heterossexual. Para os movimentos feministas a mulher é o sujeito do discurso, ela produzindo suas opiniões, impressões, além de um pensamento ultrapassado machista.

Foucault vai um pouco além do pensamento construído sobre o sujeito sociológico, ao definir as “tecnologias do eu”:

Ao analisar a experiência da sexualidade e a história da experiência da sexualidade, fiquei cada vez mais consciente de que, em todas as sociedades, existem outros tipos de técnicas, técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem certo número de operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem-se a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante. Chamemos a estes tipos de técnicas as técnicas ou tecnologias do eu (FOUCAULT, 1993, p. 207).

Com o desenvolvimento das redes sociais, o mundo caminha para um discurso feminista ao alcance das mãos. São mulheres se utilizando das tecnologias do eu para construir sua autoestima e a autoestima de outras e desconstruir qualquer discurso que as ponha em condição de rebaixamento.

Para Foucault (1972), a análise do campo discursivo deve ser orientada para compreensão do enunciado dentro da singularidade de seu acontecimento. Este enunciado, que é um acontecimento singular, ao mesmo tempo está aberto à repetição, à transformação e à reativação e assim, está ligado não somente à situação concreta que o provocou e a enunciados que o precederam, mas também àqueles que o seguem. A mulher locutora de um discurso com enunciados feministas, dentro de um local de fala de redes sociais, perpetua sua voz a todas e todos que a seguem.

A lógica do poder não é estática, ela vai se reciclando, se renovando, possui uma rapidez que acompanha o mundo virtual, pois de tempos em tempos os poderes vão mudando, configurando novos regimes de fazer, de falar, de agir, etc. O poder do discurso não se localiza nos indivíduos, ele atravessa os indivíduos, fazendo com que o indivíduo se torne sujeito enquanto inscrito, sendo interlocutor e ouvinte constante.

Poder é tema recorrente na obra de Michel Foucault (1988), onde este vê que toda relação é uma relação de poder, onde existem duas dinâmicas: o poder jurídico (que opera pela repressão e pela censura) e o poder estratégico (que opera pela incitação, pelo prazer e pela intensificação). O discurso em redes sociais produz os dois poderes, tanto jurídico, quanto o estratégico.

A mulher ao mesmo tempo em que é oprimida dentro de uma sociedade repressora e patriarcal, com uma intensa crítica aos movimentos feministas, também encontra no mundo digital um novo local de fala para produzir um discurso, de empoderamento, de incitação e de intensificação de suas causas. Discurso, esse que atravessa os seus seguidores e seguidoras, influenciando uma sociedade ou várias sociedades, de qualquer canto do globo.

Foucault também pensou o poder pelo viés disciplinador, pois percebeu que o poder passou a operar segundo a lógica da vigilância, e não mais segundo o modelo soberano e hierárquico. Sendo assim, as redes sociais produzem e instigam discursos de poder:

O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte e nem origem do

discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Na perspectiva foucaultiana deve-se pensar o poder em duas frentes: em relação à sociedade; e em relação ao seu modo de ação. A mulher feminista ao falar nas redes sociais consegue alcançar toda uma gama de pessoas que possam estar vivenciando a mesma experiência, atinge assim, uma sociedade, alertando-a e compartilhando sentimentos.

Enquanto as mídias tradicionais se encontram dominadas por uma hegemonia de opinião, as mídias digitais se mostram dispositivos de emancipação do discurso, vez que todos podem pronunciar suas impressões de determinado assunto. São mulheres falando por elas mesmas. Definindo-se e tomando para si o poder sobre essa fala.

Assim as mulheres em eterno processo de construção de saberes através da sua própria voz. Desmistificando os enunciados masculinos acerca de seu corpo, sua sexualidade, seu poder, seus desejos, sua voz. Quando fala sobre as vontades de verdade, Foucault afirma que o estabelecimento de um discurso como verdadeiro depende de quem produz o enunciado:

Através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 1999, p. 14).

A reivindicação do protagonismo acaba por materializada um discurso das mulheres, além do processo histórico de exclusão, finalmente construindo verdades fora das construídas pelo sujeito masculino. É o protagonismo da voz feminina. Assim, não obstante as condições de possibilidades do ativismo nas redes sociais são múltiplos, uma vez que as vozes que ecoam na internet.

4 CONCLUSÃO

Às mulheres foi relegado, historicamente, determinado espaço na sociedade. Com este espaço, o doméstico, vieram também as limitações quanto a discursos, modos de agir, profissões e comportamentos, isto é, papéis sociais delimitados com base no gênero. O movimento feminista surgiu no intuito de questionar e combater tais paradigmas, defendendo, em sua, igualdade de direitos e liberdades para homens e mulheres.

Com a globalização, em especial a consolidação da internet, a magnitude que os discursos feministas ganham encaminha o movimento para um momento totalmente novo na história, no qual cria-se a possibilidade da ampliação de voz para mulheres que no passado tiveram suas identidades ceifadas por não possuírem espaço de fala.

O que concluímos no feminismo atual é um processo de protagonismo da voz das mulheres. As novas mídias trouxeram para os movimentos de mulheres condições de possibilidades para empoderamento de seu discurso, bem como proporcionam maior amplitude de fala e de escuta.

Tantas possibilidades de acesso trazem consigo uma quantidade igualmente relevante de pautas; hoje as mulheres discutem sobre a cultura do estupro, relacionamentos abusivos, humanização do parto, legalização do aborto, pressões sociais, imposições sobre corpos perfeitos, entre outros temas. Isso se dá por conta da pluralidade da rede mundial da internet que alcança todos os cantos do globo.

Os sujeitos do feminismo que exercem seu poder nas redes sociais, repensam, analisam e reconstróem a teoria feminista diariamente, a partir de suas próprias vivências. Nesse raciocínio, o discurso da mulher feminista ganhou um novo local de fala, foi empoderada e vai além de seu próprio corpo.

Os discursos produzidos por mulheres feministas nas redes sociais circulam segundo meios de estratégias e de poder, fazendo girar uma engrenagem: alertam outras mulheres subjugadas sobre determinado tema; dividem sentimentos, dúvidas e opiniões; atingem uma sociedade como um todo. A ordem do discurso da mulher é encarada, então, como uma tecnologia do eu, utilizada para buscar o fim do pensamento masculino patriarcal dominante.

A teoria foucaultiana contribuiu, assim, para a consolidação de um discurso feminista, dentro de um novo local de fala, que são as redes sociais e, conseqüentemente, um empoderamento feminino, servindo como arcabouço teórico para a valorização da mulher no espaço público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNETT, Hilarie. **Introduction to feminist jurisprudence**. London: Cavendish Publishing Limited, 1998.

BENERIA, L. **Gender, development and globalization: economics as if all people mattered**. London-New York: Routledge, 2003.

BRANDÃO, Fernanda Holanda V.; VASCONCELOS, Fernando A. **As redes sociais e a evolução da informação no século XXI**. Revista Direito e Desenvolvimento, João Pessoa, v. 4, n. 7, p.125-144, jan./jun. 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos conflitos multiculturais da globalização**. 8ª ed. Trad. de Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CAGATAY, N. **Genero, pobreza y comercio**. Salt Lake City: Universidad de Utah, Departamento de Economia, 2001.

ESTULANO, Maíra Regis. **Redes sociais: do surgimento à evolução**, 2017. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/redes-sociais-do-surgimento-%C3%A0-evolu%C3%A7%C3%A3o-ma%C3%ADra-regis-estulano>. Acesso em: 06 jul. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e subjetividade** (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolo**: o que a globalização está fazendo de nós. 6ª Ed. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HUTTON, W. & GIDDENS, A. (eds.). **Global capitalism**. The New Press: New York, 2000.

OLIVEIRA, Tony. **No 8 de março mulheres preparam greve global**, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-8-de-marco-mulheres-preparam-greve-global>. Acesso em: 07 ago.18.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

RICOY, Rosa. **Teorias jurídicas feministas**. In: ZAMORA, Jorge Luis Fabra; VAQUEIRO, Álvaro Nuñez (editores). Enciclopédia de Filosofia y teoria del derecho. Vol. I. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TEIXEIRA, Tarcísio. **Curso de direito e processo eletrônico**: doutrina, jurisprudência e prática. 3ª Ed. atual. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2015.